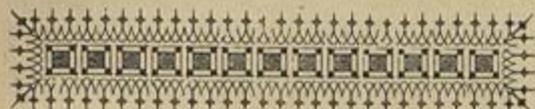


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 690	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	5120	28 DE FEVEREIRO DE 1898	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral doscorreios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Foi logo, immediatamente, sobre o atordoamento dos tres dias de carnaval, que nos chegou o telegramma annunciando a condemnação de Zola.

Nem a enorme catastrophe do *Maine*, o couraçado dos Estados Unidos, que, no porto de Havana, voou, feito em estilhas, nem outras mais ou menos atterradoras noticias que fazem temer crescentes conflictos internacionaes, puderam desviar as atenções do celebre processo, em que gravissimos principios pleiteavam.

Zola foi condemnado; mas innegavelmente eram para elle as sympathias de quasi todos, dos que mais fóra andam de paixões facciosas.

É um nome querido e estimado no mundo, diga-se a verdade, muito mais que o de todos esses generaes francezes, cuja honra não podemos pôr em duvida, mas de cuja infallibilidade todos temos direito a duvidar.

— Fez-se justiça! juravam elles.

— Provem-o! exclamava Zola, por um principio de justiça.

E da sinceridade d'este é que ninguém duvida, nem do seu espirito clarissimo, nem do altissimo direito com que, heroicamente, sacrificou toda a popularidade, arrostou contra as antipatias dos fanaticos, em tamanho numero n'uma cidade que Victor Hugo queria fosse a capital do mundo.

E, porque foi mais honrado do que todos e porque combateu pela honra, foi condemnado a um anno de prisão o auctor d'*Une Page d'Amour*, do *Assomois*, do *Germinal*, da *Débâde*, de tantas obras primas que engrandeceram a França mais que as espadas de todos os chefes do exercito.

Dreyfus continuará na Ilha do Diabo soffrendo tormentos inquisitoriaes e é isso o menos; o que nos fere, o que nos magoa é que a gente de Paris não queira a luz n'este seculo das luzes — que ironia! e dê mortras a quem, na plenitude d'um direito cumpre um dever de consciencia. A' morte Zola — que vergonha!

Tres vezes teve que fallar o advogado, hoje um nome celebre no mundo, Labori. Foram depois encerrados os debates e o jury sahio para deliberar. Provou-se o crime. O publico acolheu com bravos prolongados a sentença que condemnava o grande escriptor francez, talvez o mais glorioso dos actuaes, a tres mil francos de multa e a um anno de carcere.

Fóra movia-se impaciente a multidão do povo. Ao saber da decisão prorompeu em clamores: — Viva o exercito! Abaixo Zola!

Na sala era enorme o tumulto! E Zola disse então: — São cannibae!

Terminou a audiencia, na noite de 23, quarta-feira de cinzas.

Memento, homo, qui pulvis es!

Pó o teu nome, pó os teus ideaes, pó a tua vida honrada Poeira que o vento leva, cinzas que se espalham, homem, és nada!

O Entrudo, maltrapilho, ignobil, enlameado, asqueroso, indecente, andou correndo essas ruas praguejando, mentindo, ferindo, vomitando obceidades torpes e vinho azedo. O homem é aquillo, ainda é favor chamar-lhe pó. Juntam-se os epilepticos, estorcem-se as boccas, fecham-se os punhos, injectam-se os olhos, cambaleiam as pernas,

dae largas á boa natureza humana, — policia fecha os olhos — e logo se abrem as navalhas!

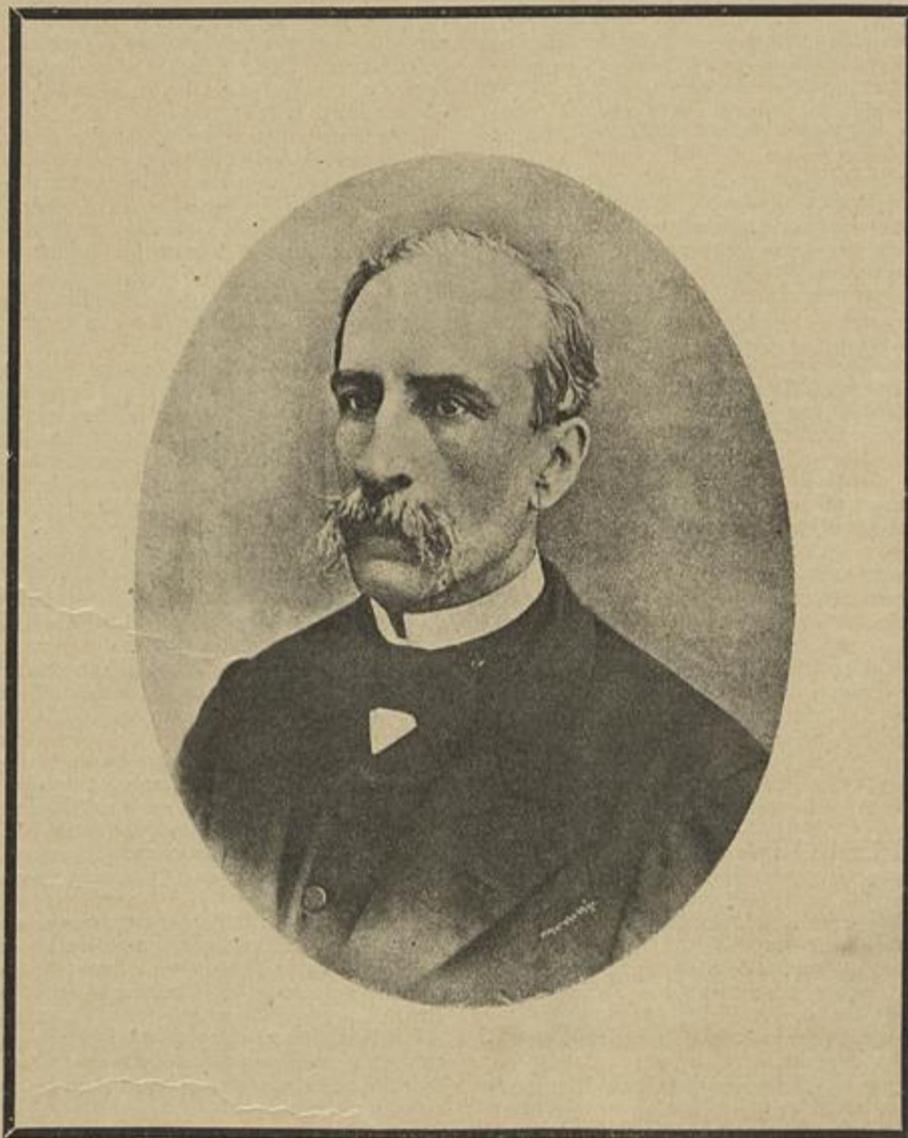
A multidão é má.

Accusado de traição á patria, condemnado em vista d'um documento que apenas os juizes viram, Dreyfus, na ilha do Diabo, constantemente vigiado, sem que possa ouvir-lhe uma queixa de uma alma ferida uma alma compassiva, limitados os seus passeios a cem passos em volta da barraca, sem que possa ao menos escrever uma carta a' amigos, que lhe não transtornem as palavras, o ex-official do exercito francez deveria, pelo menos, inspirar compaixão, ás almas boas. E, porque um homem de bem suspeitou da sua innocencia e tentou provar a illegalidade do julgamento, eil-o arrastado no lodo, que a canalha trouxe dos enrrutos nas solas das botas até ás bancadas do tribunal!

E as mesmas boccas espumantes, d'halito azedo, que, na vespera, acclamaram nos bailes publicos as torpezas d'uma cancanista bebada, foram para a sala do tribunal, ante a imagem de Christo a expirar na cruz, vomitar affrontas avinhadas contra o character altivo, os principios, a fé, a loucura, d'um homem, que deveria ser o orgulho da patria!

Entrudadas. O entrudo nos diz, ainda mais eloquente que o latim de egreja, de que lama se faz homens.

Afastemos d'essas coisas o olhar e procuremos descançar o, que o descanço não é tão difficil, como pôde parecer o n'um momento de azedume, de desconçolo, de máo humor. Não é preciso, como anachoretas, fugirmos para o deserto, como trappista, enclausurar-nos entre as quatro paredes humidos d'um convento negro, onde na portaria,



JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO — FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

(Cópia de nma photographia do sr. A. Solas)

as horas são marcadas no relógio pelo index descarnado d'um esqueleto.

Outros refúgios ha e, melhor do que todos, o gabinete de estudo, onde as horas passam velozes; de dia, ouvindo nas arvores fronteiras, em cujos gomos verdes já sorri a primavera, a chilreada dos pardais; de noite, á luz quieta do candeeiro, invocando os sonhos do passado e vivendo com fantasmas amigos, que para nós revivem.

Aureolados de luz, vemos os nomes dos que trabalham. E invejamos lhe a paz da vida que levavam, investigando as vidas dos que foram e com quem viveram, dia a dia, por horas da noite, reconstituindo factos, armando phisionomias, fazendo dos tumulos resurgir os cadáveres.

Dois grossos volumes sobre a historia do desgraçado Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV, sahiram, ha tempos da typographia da Academia Real das Sciencias, publicados pelo socio correspondente, sr. José Ramos Coelho, a quem, gratamente aqui agradecemos a lisongeira offerta.

E' um trabalho historico do mais alto valor, levado a cabo por mão habituada a manejar os livros, a consultar os manuscriptos, a cotejar contradictorios documentos, para que da comparação saia a luz viva que deve illuminar a historia.

A *Historia do Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV* abrange um dos periodos mais interessantes da historia portugueza e revela-nos grande parte das luctas diplomaticas que Portugal teve que sustentar com as diferentes nações da Eurooa, logo apoz a gloriosa revolução de 1640.

A tragedia foi grande e a victima sympathica. São interessantes os diferentes quadros episodicos em que se destaca a acção principal. E tudo isso dá um altissimo valor ao novo trabalho tão cuidado do distinctissimo academico.

Uma novidade que interessa a litteratura portugueza foi a decisão do jury sobre o merito relativo das diferentes peças escriptas expressamente para commemoração do quarto centenario do descobrimento da India. O premio de um conto de réis foi concedido a um poeta illustre, José de Sousa Monteiro. Foram declaradas dignas de publicação as peças de Marcellino Mesquita, applaudido dramaturgo, e de Lobo d'Avila.

Não sabemos por enquanto se alguma d'estas peças será representada, nem o destino que terão as que, pelo mesmo motivo de commemoração do centenario da India, escreveram Henrique Lopes de Mendonça, Libanio Baptista Ferreira, Manuel Gaio e Cypriano Jardim.

Temos portanto quinze peças historicas escriptas expressamente para um mesmo fim. Não é natural que o publico só venha a conhecer a todas por meio da imprensa, sem que algum theatro procure em alguma d'ellas fonte de larga receita.

Das noticias theatraes poucas teem sido de sensação. O entrudo só nos apresentou digno de rota a interpretação do *Chrispim e a comadre* no theatro de S. Carlos, sendo todos os papeis entregues ás cantoras. Tetrázzini admiravel! Admiravel tambem a companhia que se estrejou no theatro D. Amelia.

O *Papá Lebonard* continuará fazendo carreira no theatro do Gymnasio, pela interpretação superior dada por Joaquim d'Almeida ao papel principal. Joaquim d'Almeida é um grande artista. Basta que elle queira São diversissimas as suas aptidões e entre as suas maiores glorias contam-se papeis de baixa comedia ao lado dos de tragedia altissima.

Acabou o entrudo e não deixou saudades. Final o que é elle senão o que Malheiros Dias lhe chama nos *Corações de todos?*

«Essa alegria é a barreira da tristeza!»

João da Camara.

JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

Nem sempre a capacidade de um individuo está em harmonia com a nomeada que gosa entre os seus contemporaneos.

Em quanto uns vazios de conhecimentos, superficiaes em quasi tudo, mas tendo a facilidade de fallar ou de escrever, são reputados como uns talentos notaveis; outros dotados da grande intelligencia, possuidores de solida e variada instrucção, mas não procurando encher os jornaes com escriptos, nem enfiar as associações com discursos bombasticos, passam para a maior parte dos seus patricios por uns entes sem valor.

Embora o pequeno numero, que forma como que o escol dos eruditos, conheçam quanto este ou aquelle vale, esse conhecimento, e essa selec-

ção não bastam para lhe fazer gosar da reputação que merece.

O caracter, o *feito*, perdoem-nos o termo, do individuo faz muito. Concentrado ou expansivo, alegre ou melancolico, insinuante ou frio, a avaliação que d'elle fazem, é sempre ao sabor da impressão que cada um recebeu, no momento da aproximação mutua, e por isso assaz fallivel.

Quem visse pela primeira vez João Basto, não podia formar uma idea precisa da sua individualidade, por tantas razões, incomparavel.

De elevada estatura, sempre direito, sem a mais ligeira curvatura dorsal, constante e invariavelmente vestido na sua sobrecasaca preta, apenas coberta no inverno pelo indispensavel sobretudo; chapéu alto, e o rosto levantado, quasi sempre auxiliada a visão pela luneta, o passo compassado, o ar serio, tomal-o-ia por um ente frio, insensivel, e incapaz de um pensamento gracioso. Nada menos exacto. Aproximasseis-vos d'elle, encetasseis uma conversação sobre qualquer assumpto, e ficariéis impressionado pela rectidão do seu pensar, pela profundidade dos seus conhecimentos, pela simplicidade com que manifestava as suas duvidas, e pelo espirito e ao mesmo tempo placidez com que entrava na discussão.

«Nada de atirar ás pombas», era a sua phrase constante, quando se discutia com elle ou deante d'elle, qualquer ponto obscuro ou duvidoso, onde qualquer, de espirito mais irrequieto, aventava uma conjectura, ou emittia uma opinião pouco fundamentada.

João Pedro Ribeiro, seu prototypo e seu padrinho por um erro, na accentuação de uma palavra, morreu sem lhe descobrir a significação, aliaz muito facil; João Basto, sem commetter erro semelhante, antes ao contrario, mas por não atirar ás pombas, tambem não pode nunca estabelecer a verdadeira interpretação de uma peça de vestuario dos nossos ante-passados, só porque a encontrava mencionada fazendo parte do trage de todos desde o rei até o cavallariço.

No estudo era assim, tudo via, tudo examinava, tudo pesava com um criterio unico talvez, e meticoloso: os seus livros são d'isso prova, porque quando lia e estudava, ia notando á margem as duvidas, as inexactidões e as contradicções do auctor, e n'este ultimo caso tivemos a fortuna de ser muitas vezes obsequiado com uma especie de consulta a tal respeito, afim de verificar se era elle que não entendia bem o auctor, se era este que claudicava.

Consta nos que o seu exemplar das obras de João Pedro Ribeiro, está tão larga e proficiente-mente annotado, que é uma preciosidade e seria de muita utilidade que fosse coordenado e impresso. Isto pelo lado da erudição. Quanto ao caracter, que ha de mais serio, de mais honrado, de mais lhano, de mais tratavel, de mais prestadio, de mais bondoso do que era esse homem, a quem ninguem recorria sem receber um auxilio, um esclarecimento, um conselho?

Trabalhando para os outros, mais do que para si, não são poucos aquelles cujos trabalhos devem a João Basto a sua parte mais importante, e para não citarmos muitos, especializaremos o do sr. Dr. V. Deslandes relativo á Imprensa no seculo XVI, que é quasi todo copias e notas de J. Basto.

E comtudo este homem bom, sabio, virtuoso, humano não era feliz.

Nascido em Lisboa a 14 de outubro de 1824, teve por paes José Manoel Severo Aureliano Basto, homem de uma vasta erudição, official-maior da Torre do Tombo, e D. Felicia Maria da Costa.

Doente desde pequeno, tendo portanto seus paes que recorrer aos soccorros therapeuticos, de taes drogas inundaram o aparelho-gastrico da pobre creança, que ficou arruinado para toda a sua vida.

Apesar d'isso foi recebendo de seu pae uma educação aprimorada — como a receberam todos os demais filhos, — já com a idéa, seguramente, de que um dia havia de continuar na Torre do Tombo os grandes serviços que aquelle ali havia prestado e honrar a patria com o seu trabalho.

No anno de 1838, começou a frequentar a aula de diplomatica, sendo por esse tempo admitto no Archivo como amanuense extraordinario para o proseguimento da elaboração dos catalogos. Em 1845 concluiu a frequencia da referida aula, foi nomeado amanuense addido, para ser admitto na primeira vagatura a 23 de outubro de 1846, e dando se esta foi passado effectivo a 9 de dezembro do mesmo anno.

Seis annos depois foi promovido a official para a procuradoria regia em 1852. E logo em 1854 foi requisitado pela Academia Real das Sciencias, e nomeado paleographo para as publicações que esta corporação scientifica ia encetar ou continuar.

Eram estas *Os monumentos da historia patria*; suspendendo-se porém esta publicação em 1856 regressou á procuradoria regia. Não se demorou porém muito tempo n'esta Repartição, porque pouco depois eram reclamados pela Academia os seus serviços paleographicos.

Por causa dos trabalhos litterarios, que depois diremos, e a que se havia dedicado com todo o fervor, adoeceu gravemente com repetidas hemoptysis. Aconselhado por medicos eminentes a emprender uma viagem á Africa, obteve licença da Academia, e munido do respectivo passaporte que tirou em 27 de abril de 1860, partiu para Loanda em um navio de vella, como lhe fóra prescripto.

Alli se demorou alguns mezes e regressando ao reino abandonou o trabalho que havia encetado e continuou auxiliando, primeiro Herculano, depois Rebello da Silva nas publicações da Academia. Esta reconheceu-lhe os seus serviços nomeando-o socio correspondente em 26 de outubro de 1862.

Nesse mesmo anno a 30 de setembro havia sido nomeado para ir ao norte coadjuvar o eminente juriconsulto e lente da Universidade Vicente Ferrer Neto de Paiva no exame e entrega dos documentos pertencentes ás corporações de mão-morta.

A este juriconsulto foi expedida uma portaria para proceder a esse serviço com relação aos documentos anteriores a 1600. existentes em Coimbra na Sé, Seminario, Universidade, Mitra e conventos de Santa Clara, Cellas, Lorrão e Semide, delegando o referido commissario os seus poderes em João Basto.

Foi este um serviço espinhoso, ingrato, posto que relevante, porque as diversas corporações em vez de tomarem a medida no seu verdadeiro sentido que era o da salvação do resto dos nossos monumentos historicos, depois de tantas perdas e dilapidações, não o comprehendiam assim, e aquillo que até então haviam deixado estragar, extraviar e perder, defendiam agora á pesquisa official, como se perdessem n'esses monumentos o seu paladio. Foi uma grande lucta, não se conseguiu tudo, mas alguma coisa se fez.

Tendo fallecido seu pae, foi provido no lugar de official maior o seu ajudante Thomaz Caetano Rodrigues Portugal por decreto de 6 de dezembro de 1866, e para ajudante d'este foi promovido João Basto, que tambem foi nomeado lente da aula de diplomatica.

A 16 de março de 1876, foi, por fallecimento d'aquelle, elevado ao cargo de Official Maior, e seu irmão José Manuel ao de seu ajudante.

Achando-se cansado e precisando dedicar-se todo á procuesção do *Portugalia Monumenta Historica* que lhe fóra incumbida pela Academia requereu a sua aposentação que lhe foi concedida em 5 de fevereiro de 1880.

Além dos trabalhos que como director tecnico dos serviços da Torre do Tombo lhe incumbiam, não cessava João Pedro de ministrar todos os documentos e informações que nacionaes e estrangeiros sollicitavam para os seus estudos. Lidou com os homens eminentes que a Portugal vieram proceder a varias investigações, como Kunstman, Varnhagen, Gonçalves Dias, etc., e todos se davam por satisfeitos de haverem travado relações com homem tão prestimoso e de tão eminentes qualidades.

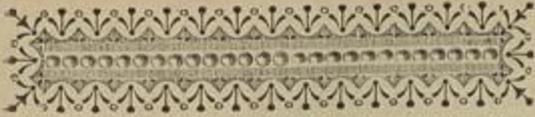
O eminente historiador Alexandre Herculano, havendo, pelo seu profundo trabalho de investigação, travado relações com o pae de João Basto, dentro em pouco se afeiçãoou a todos os individuos d'esta familia, que se tornaram os seus mais intimos amigos, e esta afeição durou ainda além da morte d'aquelle, porque nomeando João Basto por um dos seus testamentarios, deu-lhe a prova mais subida de quanto apreciava o seu merito superior e a inteireza do seu caracter. E se alguma vez o grande historiador se enganou no juizo que formava d'aquelles que se acercavam d'elle, d'esta vez não podia enganar-se, nem foi levado por um d'estes deslumbramentos subitaneos, mas sim guiado por um conhecimento profundo, longa experiencia, e afinidade de sentimentos.

(Continua.)

Brito Rebello.



¹ Baptizado na freguezia da Lapa a 13 de dezembro, sendo seu padrinho o conselheiro João Pedro Ribeiro, tocando por procuração d'este, o Desembargador Francisco Ribeiro dos Guimarães.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CUSTODIA DOS JERONIMOS

FEITA DO PRIMEIRO OURO VINDO DA INDIA

Conseguiu Vasco da Gama ir por «mares nunca d'antes navegados» e aportar a terras da India, que era o sonho dourado d'aquelles tempos. Não conseguiu, porém, n'aquella viagem fazer tributarios do rei de Portugal aquellos povos nem estabelecer commercio seguro com elles. É por isso que, regressando, em 1499, dos seus gloriosos descobrimentos, volta de novo á India em 1502, já então convenientemente acompanhado de maior numero de navios e de homens armados para sobmeter pela força as gentes da India.

Assim, pois, Vasco da Gama, juntou aos seus titulos de ousado navegador, o de grande politico e valente guerreiro, fazendo aquellos potentados tributarios do rei de Portugal e abrindo os portos da India ao commercio dos portuguezes.

Quando voltou d'essa segunda viagem (1503) trazia as primeiras peças dos potentados da India para o rei de Portugal. Foram mil e quinhentos meticaes de ouro do regulo de Quiloa tributo que aquelle regulo ficou pagando annualmente.

Foi o primeiro ouro que veio do Oriente e quiz el-rei D. Manuel offerecel-o ao Rei dos reis, para o que ordenou que d'elle se fizesse uma custodia para o mosteiro dos Jeronimos, monumento da piedade christã que commemora os grandes descobrimentos dos navegadores portuguezes, de que o principal é o do caminho marítimo para a India, por Vasco da Gama.

A Gascia de Rezende, que era chronista e ao mesmo tempo artista de fino gosto, que deliniou esse mimo architectonico da torre de S. Vicente, ou de Belém, como vulgarmente é conhecida, foi encarregado o desenho da custodia, e a Gil Vicente, ourives da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, incumbido o por em pratica a trassa da custodia.

Qualquer dos dois eram artistas notaveis, do que resultou a obra ficar perfeita e mais que perfeita, u'n primor da ourivesaria como nem antes nem depois se fez. Aquelles dois talentos em colaboração produziram uma obra genial, que a todos admira, nacionaes e estrangeiros e que marca a epoca em que mais brilhou a ourivesaria em Portugal, como em nenhum outro paiz do mundo, o que bem o attesta o sem numero de obras d'arte de ourivesaria que existe em Portugal como nenhuma outra nação possui em primor e delicadeza de cinzel e esmaltes. Diga-se para honra das artes em Portugal, que a ourivesaria, n'aquelle seculo chegou entre nós ao apogeu da perfeição, de que ainda hoje se conservam honrosas tradições, embora os elementos para este ramo d'arte se desenvolver tenham faltado.

E para que se não pense que um excessivo orgulho nacional, nos faz exaltar tanto esta obra d'arte genuinamente portugueza, lembraremos que a custodia dos Jeronimos esteve na exposição universal de Paris de 1867 e foi ali motivo de admiração e assombro e classificada como a maravilha da exposição portugueza e das manifestações d'arte, pelo que foi conferido a Portugal o primeira premio.

A custodia dos Jeronimos é toda de ouro com pedras preciosas e pesa 32 marcos, tendo d'altura 0,84 centímetros.

Admirável pela belleza da forma e delicadeza dos labores, mais se sobreleva ainda pela perfeição e variedade dos esmaltes inimitaveis. A partir da base ou pé, em forma hexagonal, de graciosas curvas e molduras corridas e emmaldurem uns almofadados caprichosamente relevados de ornatos cinzelados a primor, ergue-se a haste, curta, sestavada, com grossas meias canas salientes nas extremidades, cinzeladas em delicadas flôres, e a meio da haste destacando-se, por cada face do hexagono uma esphera armilar, divisa de el-rei D. Manuel, quebram a linha e formam uma elegante saliência que compõe admiravelmente com o corpo da custodia que se lhe segue. Este assenta sobre dois troncos que saem da haste, na extremidade dos quaes se erguem dois corpos formados de nichos sobrepostos rematados com baldaquinos tudo em columnas e arrendados de bello desenho.

E n'estes dois corpos que se entala a luneta guarnecida de brilhantes, esmeraldas, rubins e

mais pedras preciosas de inestimavel valor. Por baixo da luneta e na base formada pelos dois troncos que saem da haste agrupam-se os apóstolos, de joelhos, em adoração á hostia. Este grupo dos apóstolos é o que ha de mais surpreendente no todo admiravel d'esta obra d'arte, porventura unica no seu genero. A variedade que as figuras apresentam, embora todas estejam em posição de adorar, a expressão das cabeças, a elegancia dos panejamentos, o gracioso das linhas de composição são enescediveis, e mais surpreende ainda os esmaltes de cores diversas para cada vestimenta, sendo as mãos e as caras esmaltadas com a cor natural assim como os cabellos.

O mesmo se observa nos anjos, tocando instrumentos que occupam os nichos dos corpos letreos, assim como nos cherobins que decoram o docel que se vê por cima da luneta. Por sobre este docel, segue como que a cupula da custodia, formada de graciosos baldaquinos e delicados coroches, ao centro da qual está um busto do Padre Eterno e logo abaixo, como que alada, a figura de uma pomba toda esmaltada a branco. Remata a custodia uma cruz também esmaltada assim como toda a custodia é revestida de esmaltes de variadas cores, não se sabendo que mais admirar, se a variedade e perfeição dos esmaltes, se a delicadeza e graça dos cinzelados, ou a elegancia do conjunto.

Esta preciosidade tão valiosa pelo metal de que se compõe mas mais ainda pelo trabalho artistico, levou tres annos a fazer, pelo que decerto não foi trabalho só de Gil Vicente, mas de muitos artefices que n'ella trabalharam sob a direcção do mestre, o que bem prova que a ourivesaria tinha muitos e bons artefices que a cultivavam n'aquelles tempos, como já dissémos.

Não pôde haver duvida sobre o tempo que este trabalho gastou, porque na inscripção que se vê em volta da base da custodia, se diz que ella foi mandada fazer pelo, *invito alto principe e poderoso Senhor Rei D. Manuel I. . . do ovro l das parees de Quiloya, acabada em 1506.*

E' a custodia dos Jeronimos um monumento d'arte e um monumento de gloria, pela alta significação historica que tem, como o mosteiro dos Jeronimos para que foi feita.

Estes dois monumentos completam-se com um outro que se chama: — Os Luziades.

Quando o tempo destruir os primeiros, ficará ainda este ultimo espalhado pelo mundo inteiro como a eterna epopeia de um povo, que outro não igual-a.

UM BENEMERITO DAS . . . BONECAS

Em quaesquer circumstancias se manifestam os bons ou os maus instinctos do homem, e logo, na infancia se lhes conhece a indole, se é boa ou se é má.

Se pretendessemos fazer uma dissertação sobre este thema, quantos exemplos da historia poderiamos citar e quantas theses scientificas se poderiam desenvolver sobre este ponto.

Mas outro é nosso fim, qual o de acompanhar a gravura que publicamos a pag. 45 com algumas plavras que o quadro nos suggeré.

Aquella familia infantil andava brincando á beira-mar, quando a boneca caiu á agua. A dona da boneca rompe em choros ao vêr ir por agua abaixo a sua menina, como ella lhe chamava, e então um dos rapazinhos, com ragos de heroe corre a salvar a afogada, munindo-se de uma tenaz, instrumento salvador que encontrou mais á mão, e debruça-se sobre o caes para pescar a victima.

Não se lhe importa correr o risco de mergulhar também, se a cabeça lhe pesar mais que o resto do corpo, no esforço que faz para chegar com a tenaz á boneca.

O que lhe importa é salvar a victima e depois muito satisfeito da sua obra partilhar da alegria da sua companheira, como quem melhor quinhão tem n'ella.

O que aquelle heroesinho ali fez por uma simples boneca, seria muito capaz de o fazer por um vivente, pois não lhe faltou coragem nem abnegação para se expôr, talvez inconscientemente, por quem nada lhe podia agradecer.

Assim se formam os corações generosos!

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE

I

NOVE HORAS DE COMBOIO

A's oito horas e quinze minutos da noite, partia da estação do Rocio o comboio para Madrid.

Era n'elle que eu devia partir também, e ao segundo toque da sineta dava entrada na estação, mais o meu sacco de viagem, procurando com a vista para todos os lados Branco Rodrigues e Arnaldo da Fonseca, com quem aprasara juntar-me á hora marcada, pois iam todos, por amavel convite da direcção do Azylo dos Cegos de Castello de Vide, assistir á inauguração das officinas *Branco Rodrigues*, construidas junto ao dito azylo e que se realisava no dia seguinte 6 de fevereiro.

Não tardou muito que deparasse com os meus companheiros de viagem, já a enfiarem para a carruagem para onde logo enfiéi também, sem perda de um segundo, porque a sineta dava o terceiro toque e a locomotiva soltava o seu melhor assobio signal de partida.

Já dentro da carruagem é que pude cumprimentar os meus companheiros e tive então a agradável surpresa de encontrar ali mais um, Antonio Ramalho, que eu não esperava e á ultima hora se resolvera a acompanhar-nos.

Rejubilei! Era mais um amigo para o cavaco, para ajudar a passar as longas horas da noite, n'um comboio, que devia chegar de madrugada a Castello de Vide, d'onde nos separavam uns 200 kilometros.

O comboio em que iam era o directo para Hespanha pela via de Caceres, e por isso a carruagem de 1.ª classe em que nos instalámos, differente das que, em geral, se usam nas linhas ferreas portuguezas.

Era uma carruagem hespanhola, mixta de 1.ª e de 2.ª classe, com compartimentos de quatro logares, para homens *Nó fumadores* e para *Siñoras*, divididos por um corredor a todo o comprimento e com plata-formas, onde se podia tomar ar, porque lá dentro fazia um calor tropical, mercê de uns caloríferos ou esquentadores que deveras esquentavam demasiadamente o nosso compartimento.

Emquanto atravessavamos o tunnel, ensaiámos o modo de annular a acção do calorífero, ora correndo para a esquerda uma alvancasinha de ferro, collocada sobre a parede do compartimento, onde dizia *serrado*, ora para a direita, onde dizia *abierto*, mas nem d'um nem d'outro modo deixava de sentir-se o mesmo calor insupportavel.

Que infeliz ideia a do calorífero, por uma noite de fevereiro que parecia de agosto!

Branco Rodrigues tratou de nos refrescar com uns copos de *Pilsner*, de que levava um pipó, e por momentos julgámo-nos transportados á Cervejaria Jansen, por momentos só, porque ainda estavam sob o tunnel do Rocio, e ar é que nós precisávamos.

Lá dentro asphixiava-se e foi com grande alegria que ao sahir do interminavel tunnel, corremos as vidraças da carruagem e sentimos entrar nos pulmões o ar fresco da noite, uma noite de lua cheia, que nos foi acompanhando lá de cima todo o caminho com a sua cara alvar, que tem inspirado um mundo de poetas.

Boa lua e boa *Pilsner!* optimos companheiros, que mais era preciso para passar bem uma noite, á excepção do horrivel calorífero que não havia maneira de nos vermos livre do seu impertinente calor, quer o fechássemos quer o abrissemos.

Fechado parecia sentir-se menos calor, entretanto ninguem podia sentar-se do lado da tal alvancasinha ou regulador porque a parede do compartimento escaudava.

—Vamos em pé, que isto ha de arrefecer. E em pé fomos conversando e olhando pelas portinholas, apontando os logares por onde passavamos: aqui Braço de Prata, adiante Oliveas, depois Sacavem, Povia, Alverca, Alhandra, Villa Franca, etc., até que principiámos a sentir a necessidade de nos entretermos em alguma outra coisa.

—E lá me esqueceram as cartas, disse Arnaldo da Fonseca.

—As cartas?

—Sim, jogava-mos aqui um bocado o *Mistigris*.

—O *Mistigris*?

—Um jogo innocente e simples.

—Mas não o sabemos, dissemos ao mesmo tempo eu e Branco Rodrigues.

—Aprende-se facilmente E' simplississimo!

—Boa idea, acudi eu. Venham as cartas.

—Se as não trouxe! lamentou Arnaldo da Fonseca.

—E' verdade não as trouxe!

E ficámos meditativos por instantes.

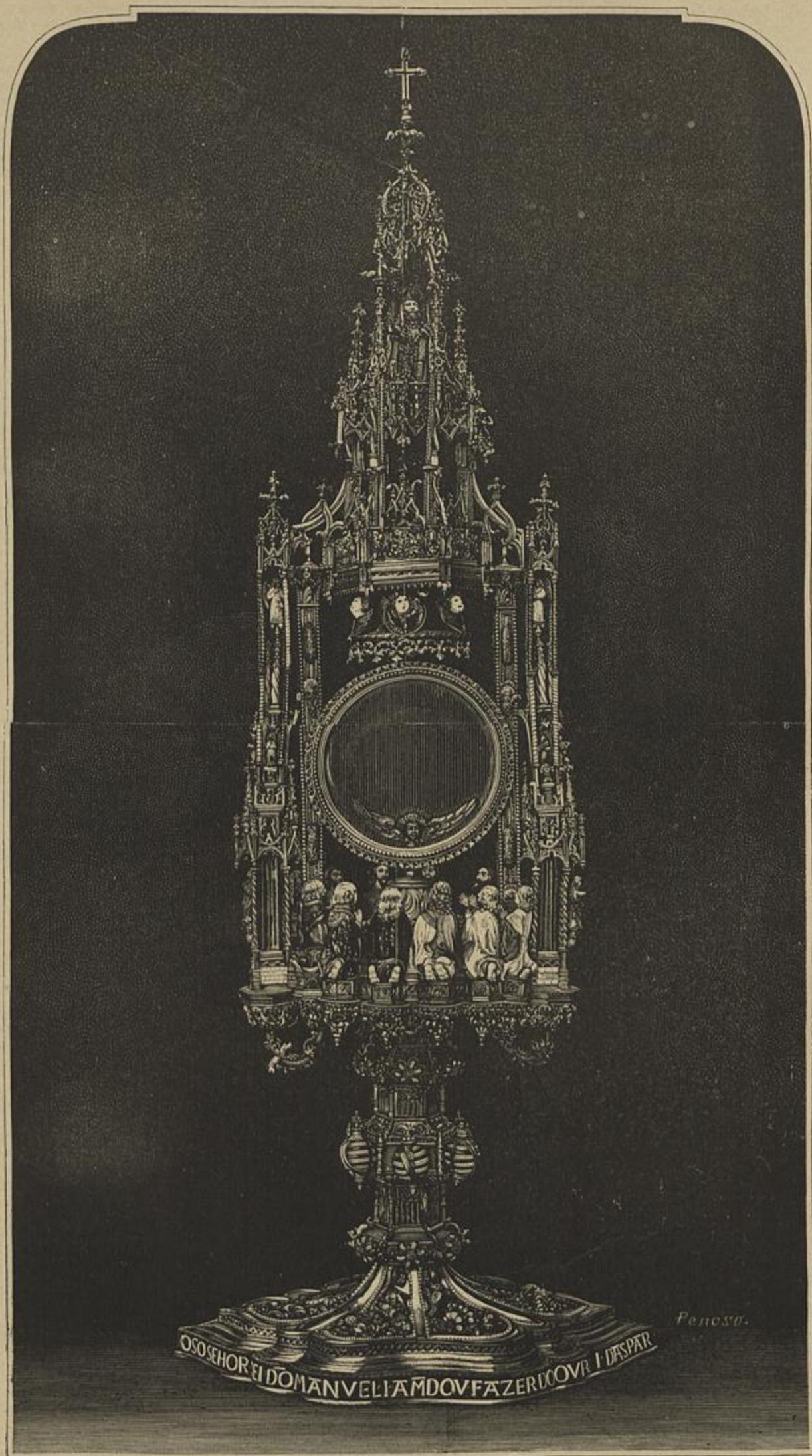
—Mas arranjam-se, interrompeu Arnaldo, como tendo achado uma idéa, e revolvía as algibeiras.

—Na primeira estação, accrescentei eu.

—Não, não ha cartas á venda, e elle continuava a revolver as algibeiras.

—Ah! já sei, talvez no Entroncamento.

—*Tampoco.*



A CUSTODIA DOS JERONYMOS, FEITA DO PRIMEIRO OURO VINDO DA INDIA

(Copia de uma photographia de Mr. Laurant)

E n'isto sacou, enfim, d'uma das algibeiras um masso de cartões de visita.

— Desenham-se ahi n'um instante, e foi distribuindo cartões a mim e a Ramalho.

Em cinco minutos estava desenhado o baralho de 32 cartas. Reis, valetes, damas, azes, setes, oitos, noves e dez. Ramalho desenhou os reis e os valetes, eu as damas, Arnaldo e Branco Rodrigues o resto.

O valete de paus era a grande carta: — o *mistigris*, primeiro trunfo em todos os naipes, muito mais valioso que alguns trunfos nossos conhecidos que são só no seu, como o sr. Eduardo José Coelho ou o meu amigo Costa Pinto. Ali o valete de paus era o homem de todas as situações, mal comparado o sr. conde de Burnay, taboa de salvação de todos os governos para arranjar dinheiro. Depois do *mistigris*, seguiam-se pela ordem

mos pelo caminho, divertindo-nos muito innocentemente, como quem joga a bisca com a família.

Eram 11 horas e um quarto, estávamos a menos de meia jornada. Os meus companheiros fôram ceiar; eu absteive-me d'essa extravagancia porque o meu estomago digiria ainda o jantar que comera ás 7 horas.

Esperámos no Entroncamento o comboio que



UM BENEMERITO DAS... BONECAS

De pé, á luz meio mortica da carruagem, fabricámos um baralho de cartas, em menos tempo que a machina de mil exemplares á hora

A necessidade sempre foi muito engenhosa e ali tivemos uma prova pratica, d'esta grande verdade.

Com a mala de Branco Rodrigues, improvisámos uma mesa e com licença do esquentador, que perdera um tanto da sua intensidade, sentámo-nos em volta, e principiou a lição do *mistigris* de que Ramalho e Arnaldo da Fonseca eram os mestres.

do valor, os reis, as damas, os valetes de espadas, copas e oiros, os azes e as outras cartas conforme o numero de pintas.

Cinco cartas a cada parceiro, e cinco para a filha, que nunca pude saber de quem, e para a qual se apartavam em penultimo lugar; o resto ficava no massete e virava-se uma carta para trunfo, como na bisca. Os parceiros depois compravam tantas cartas do massete como as que deitavam fóra por não lhe convirem, ou trocavam as que tinham pelas da tal filha e fazia-se jogo.

Assim fomos até ao Entroncamento sem dar-

vinha de Hespanha e só depois d'elle seguir é que o nosso partiu, passava da meia noite.

O luar continuava a illuminar os campos e d'ali a pouco ia mostrar-nos de novo o Tejo, que tínhamos perdido de vista em Santarem.

— Aqui ainda é, mais lindo, disse Arnaldo da Fonseca.

— E é, confirmei eu. Devemos estar perto do castello de Almourol.

— Vamos passar proximo d'elle, antes de dez minutos.

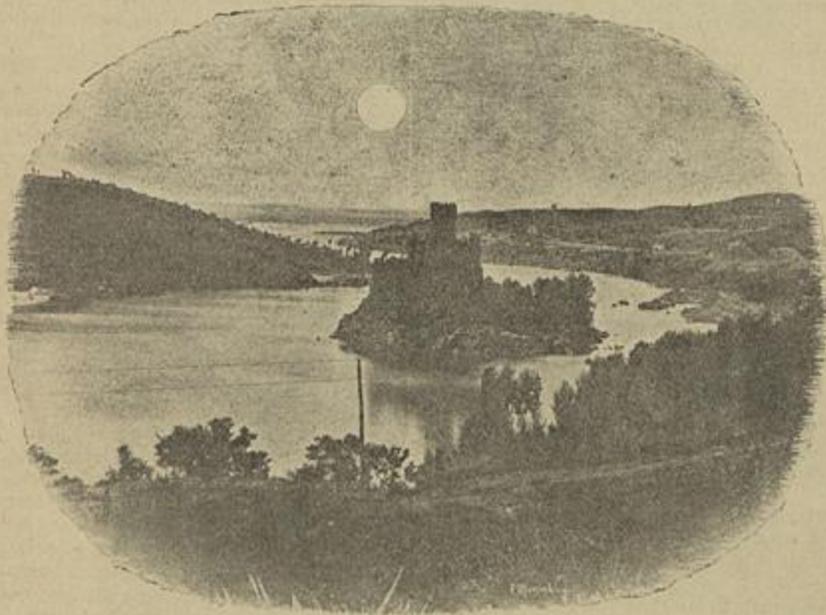
— E' preciso não perdermos este bello quadro.

— Com o luar deve ser soberbo.

E o comboio seguia rapido deixando, a breve trecho vêr de novo o Tejo, ora estreitando ora alargando, reflectindo em suas aguas como em espelho inundado de luar, as pittorescas margens orladas de salgueiros, salpicadas aqui e acolá por manchas brancas, de cazinhas caídas, como esmaltes entre a verdura dos campos. Além se adensava um pinheiral, nota escura a destacar vigorosa entre as tortuosas oliveiras que povoam os montes e os valles. Para contraste, n'um ou outro ponto na praia mais espraçada alvejava o extenso areal.

E um montesinho nos encobre a vista do rio; depois outro e mais outro, como motações rapidas de scena, que nos surpreendiam cada vez mais, até que n'uma d'essas motações chegou o Castello de Almourol.

— Lá está elle! repetimos todos ao mesmo tempo.



CASTELLO DE ALMOUROL

E a erguer-se d'entre o rio, como surgindo das aguas, elevavam-se as velhas muralhas do castello lendario.

Lendario sim, porque tambem tem suas lendas como os castellos do Rheno. E qual não as terá, que o povo as não conserve e as vá phantasiando cada vez mais romanticas ou tragicas, de modo a saciar-lhe a imaginação phantasiada, como uma necessidade do seu espirito, como uma tendencia irresistivel para o maravilhoso, que do materialismo dos positivistas nada lhe vem nem para o coração nem para a alma.

A vida é sonho, disse um poeta. Sonhar é tudo; sonhando se passa a vida e ai d'aquelle que acordar. Será mais um infeliz, um desesperado que mal dirá a hora em que acordou e viu por terra todas as illusões com que vivia.

D. Ramiro fôra senhor d'aquelle castello. Nem a belleza da esposa nem a da filha, o detinham, que elle não fosse á guerra contra os mouros como guerreiro valente que era. De uma vez o godo voltava vencedor e orgulhoso ao seu castello, quando encontrou uma moira muito linda com uma filha mais linda ainda.

A moirinha levava uma bilha com agua e D. Ramiro, sequioso, pediu-lhe de beber, mas, por infelicidade, quando a moirinha ia a dar-lhe a agua quebrou-se a bilha. O godo, julgando-se ludibriado, não podendo reprimir um momento de colera, enristou a lança, que levava, e trespassou as duas moiras que cahiram mortas amaldiçoando-o.

Ao tempo appareceu um moirinho filho e irmã das desgraçadas e D. Ramiro prendeu-o e trouxe-o para o castello.

O rapasito moiro vendo-se captivo, jurou vingar a morte da mãe e da irmã, na esposa e na filha de D. Ramiro, e para isso ministrou primeiro á mãe um veneno tão subtil, que a pobre senhora se foi finando pouco a pouco até que morreu.

Esta morte desgostou muito D. Ramiro e para distração se foi de novo á guerra contra os mouros.

Deixou no castello sua filha muito linda e o moirinho, feito pagem, onde já se lhe acendia no coração forte amor pela joven castellã a contrariar-lhe a vingança que premeditara. Foi uma luta horrivel, em que por fim venceu o amor, porque os dois amaram-se estremosamente.

Mas D. Ramiro voltou e d'esta vez com um castellão que escolhera para noivo de sua filha.

Que angustiosa situação para os dois amantes! Elle allucinado contou á castellã a vingança que jurara tirar da morte de sua mãe e de sua irmã, assassinas por D. Ramiro, e como quebrara esse juramento deixando enlevar-se pelo seu amor. Ella, que não o amava menos, protestou não ser d'outro e assim desapareceram por uma noite, sem que mais noticias houvessem d'aquellas duas almas.

Hoje é das cobras e das rãs que se criam ao sopé das suas muralhas e podia ser de algum ricasso de gosto, que o reedificasse, o preciso, para ali passar o verão, sem inveja dos castellos do Rheno.

E o comboio ia correndo rapido mal deixando accordar a memoria das scenas tragicas que ali se tinham dado.

Os dois amantes não estariam nas muralhas amaldiçoando o godo, porque não era noite de S. João; mas algum mocho decerto piaria tristezas sobre as ameias derruidas, como lamentos da alma penada de D. Ramiro que ainda por ali vagueasse.

Pouco a pouco foi desaparecendo o castello de nossas vistas e o comboio, entrando na grande ponte que logo adiante atravessa o Tejo, abrandou a marcha ouvindo-se o forte ruido que fazia sobre os taboleiros, como pancadas compassadas de um malho n'uma estaca.

— Devemos estar proximos do Pezo.

— E' a ultima estação antes de chegar á de Castello de Vide.

— Então já não temos tempo de dormir?

— Só tem o risco de ir accordar em Madrid, de resto...

— Que pena! Agora é que eu dormia... por estas horas mortas.

— E a alma penada do D. Ramiro?

— Nem isso me tirava o somno.

Vimos os relogios; eram quatro horas. A pouco trecho o comboio parou e uma voz somnolenta annunciou na explanada da estação: — Pezo.

Ninguém entrou nem saiu das carruagens. O Pezo jasia sob o pezo do somno, e nós tinhamos de estar acordados quando tanta gente dormia!...

Tratámos de pôr tudo a postos para nos apearmos na estação immediata.

Mais um copo de *Pilsner*, mais uma cigarrada, eu tinha esvasiado a minha caixa de rapé. Fui á mala buscar reforço; cada qual poz a bagagem debaixo de mão, mas Castello de Vide não se lobrigava.

— É questão de uma hora, observou Branco Rodrigues, mais pratico n'aquella jornada.

— E depois estamos em Castello de Vide?

— Estamos... com uma hora de carro a trepar pela montanha...

— Mas estas estações são originaes; distam leguas da povoação. Parece que estamos em Troia! Aquella hora foi a mais longa da viagem, até que, enfim, enchemos a altura, mas sem vêr o porto de destino!

O comboio parou e em menos de um minuto apeiamos-nos e transpomos a estação onde, do outro lado, nos devia esperar um carro.

Sim, elle lá estava solitario e quedo, meditando talvez quando se acabariam os trabalhos do mundo para elle, que tinha já transportado duas ou tres gerações.

Solitario é o termo, porque as mueres tinham fugido e o cocheiro ido em cata d'ellas!

Para o que uma pessoa está guardada ás 5 da madrugada depois de 9 horas de comboio!

O luar era de dia, mas a brisa da madrugada demasiado fria para ser fagueira.

O calorifero do comboio estava vingado! A nossa pena era não o ter podido trazer para ali, para nos aquecer ou então elle esfriar por uma vez.

— Talvez se desse o segundo caso.

— Vamos para dentro do carro: sempre estaremos mais agasalhados.

— Pois vamos, concordáram todos.

E entretanto chegavam as mueres e as pragas do Paulino, que era o cocheiro.

Elle falava aos mulos como a gente sua, e se as bestas lhe podessem responder estou certo que seria interessante o dialogo, ainda que nos subisse o robor até as orelhas.

Podera, as mueres tinham-lhe fugido e parecia terem vontade de tornar a passar as patas.

O Paulino enquanto carregava a bagagem, não se fartava de lhes gritar: — Ah!... ah!... e depois insultava atrozmente... ah!... ah!...

E ellas com uma vontade irresistivel de affrontar a ladeira, não sei se para fugir aos insultos do Paulino, se para *apanharem um calor*, que devia saber-lhe bem no meio d'aquelle friu.

O primeiro puchão foi bom, parecia a velocidade do comboio, mas a ladeira desvaneceu-lhes as fumaças e já não era preciso o Paulino gritar-lhes: — ah!... e antes pelo contrario, já lhes gritava: — vá!...

A's 6 horas davamos entrada na villa. Ainda era noite, mas a população já principiava a mecher-se.

O sino da igreja tangia melancolico e o som repercutia-se por aquelles montes e vales de modo estranho para nós.

Que seria! A'quella hora, um sino a tocar!
Depressa o soubemos.

Em casa do sr. Antonio Repenicado, primeiro tecto amigo onde nos abrigámos, e por signal um tecto originalissimo de tijollo e traves pintaroladas em flôres e arabescos como não vimos outro, a minha primeira pergunta, depois dos cumprimentos, foi saber a que tocava aquelle sino.

— E' á missa das almas, respondeu o sr. Repenicado.

— A' missa das almas!! acudi eu abrindo muito os olhos, onde o somno pezava. E' coisa em que ouvia fallar a meus paes, mas que eu nunca vi.

— Pois aqui ainda é uso, e bem aproveitado por essa gente de trabalho, que só a estas horas tem tempo para ouvir missa.

Boa terra, pensei eu, onde se conservavam intactas as crenças de nossos antepassados.

E logo pude observar na casa em que estava, um oratoriosinho allumiado por uma lamparina de azeite. A luz bruxiliante da lamparina dava em cheio n'uma imagem do Menino Jesus, que me chamou muito em especial a attenção. Esfreguei os olhos para me certificar se estava acordado, mas não havia que duvidar. A imagem-sinha apresentava extraordinaria semelhança no rosto com o reverendo prior da Lapa.

Fiquei maravilhado e communiquei a minha impressão aos meus companheiros.

Todos concordaram que sim; que era de uma semelhança real, e se não se tratasse de um Menino Jesus e de um Reverendo Prior, teriamos dito, diabolica!

O sino continuava a tocar e despertou-me forte desejo de ir á igreja. Queria experimentar uma sensação nova, como ver o que nunca tinha visto, a missa das almas, e por isso, no caminho para casa do sr. dr. Aniceto, onde ia pousar, entrei com Branco Rodrigues na igreja, de envolta com o povo que entrava tambem.

No vasto templo, mal quebravam as trevas da noite umas fracas luzes de velas, no altar. Os fieis pareciam estar de joelhos, porque apenas se podia distinguir os seus vultos negros. Um silencio profundo. Mettia pavor!

O padre chegava ao altar e, com grande pesar nosso, o somno aos nossos olhos, que tinham velado toda a noite.

Já não podiamos resistir e sahimos, dirigindo-nos para casa do sr. dr. Aniceto, onde nos esperava uma cama consoladora.

(Continúa).

Caetano Alberto.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

VII

Em que Amalia diz o que pensa

No dia seguinte, ao entrar em casa de Trombeta, meia hora mais cedo do que era seu costume, Joaquim e Romulo iam preparados a fazer o panegyrico do engenheiro Eneas e o pedido official. Tinham renunciado á candidatura do Frederico. O dr. Roque, porém, não pensava do mesmo modo; Frederico parecia-lhe um mancebo muito distincto a quem o seu milhaozinho (porque devia ter um, pelo menos, e bem collocado) a quem o seu milhaozinho tornava em extremo agradável.

Esperava a embaixada com tamanha impaciencia, que, contra seu costume, havia meia hora que passava de cá para lá, e vice-versa, pelo aposento. E era tal o seu bom humor que, quando chegou a embaixada, nem sequer lhe passou pela ideia queixar-se de ter estado á espera. Pelo contrario, em vez de um dos taes adjectivos tão sonoros e expressivos em que abundava a sua phraseologia, recebeu os visitantes com alegre gargalhada, e como esta, por culpa do catarro, lhe sahisse um tanto rouca, o dr. Trombeta encomendou ao diabo o catarro e continuou, risonho:

— Os senhores estão impagaveis! — exclamou — que ar tão...! Vejamos: ora volte-se lá, senhor Romulo, não traga para ahí escondido algum casal de noivos. Que o senhor é capaz de esconder tres, um em cima do outro; fio-me mais no senhor Joaquim, mas, meu amigo, não abuse da minha confiança e não me introduza pr'ahi em casa, ás escondidas, qualquer pygmão. Ah! ah! ah! Os senhores tem alguma coisa para me dizer... Mas que vontade de rir me faz vel-os com essas coisas... Então, vamos, sentem-se.

Os dois velhos sentiam-se ambos commovidos perante a insolita amabilidade do seu tyranno, e nenhum d'elles pensou em se offender com as chocarreiras allusões á respectiva estatura. Comtudo que lograsse ver sempre de bom humor o marido de Tranquilina, o Romulo sugear-se-hia a bater com a cabeça no tecto e o Joaquim, que não era nenhum anão, nem coisa que se parecesse, ter-se-hia da melhor vontade transformado em myrmidão, só para fazer rir o invalido.

— Vá— vamos a isso, fallem; não ha tempo a perder; se tem algum pedido a apresentar, aviem-se.

— O engenheiro Eneas Ferri — principiou Romulo a dizer...

— Deixe o lá — interrompeu o doutor com um bocadinho do mau humor de todos os dias — Falle-me primeiro do senhor Frederico.

— Sinto immenso — murmurou o Romulo — mas o Frederico é um escalda-favaes — Tem bom coração, lá isso tem.

— Os escalda-favaes de bom coração são os melhores maridos — observou o doutor.

— Não digo que não, porém o Frederico é um solteiro impenitente e não quer saber para nada...

— Da Amalia? — perguntou o doutor Trombeta.

— Do matrimonio — apressou-se a responder o Joaquim: — quero dizer, elle, inclusive... casar-se-hia, para fazer alguma coisa... mas não tem legitima vocação; jámais poderia fazer feliz qual-quer donzella. Eneas, pelo contrario, que em primeiro lugar é um guapo moço, muitissimo mais do que o Frederico...

— Isso não e verdade.

— Precisamente, não digo que o seja mais, comtudo, quer-me parecer...

— E o que é que lhe quer parecer?

— Tem muita razão; não me parece coisa nenhuma; o senhor é que parece que adivinha! Diziamos, pois, que não é tão bem parecido como o Frederico, mas que é bonito rapaz. E a mão que elle tem!

— Tem duas — atalhou sinceramente o doutor Roque.

— Bem entendido — proseguiu Romulo, intervindo em soccorro do amigo que já não podia mais; — tem muito talento, trabalha, ganha bem; é rico.

— Não tanto como Frederico.

— Não tanto como o Frederico... E d'ahi é honradissimo, methodico, ordenado, sobrio, casto, até...

— Até á monomania — proseguiu o doutor — Entre os seus antepassados da linha materna deve ter existido um que vivia n'um manicomio, e que passou com armas e bagagens para o corpo do tal engenheiro.

— Graceja — opinou o Joaquim — exaggera um tudo nadinha certas theorias modernas que teem muito de verdadeiras, posto que nada de fixo.

— Os doidos, todos, o que fazem é apenas exaggerar coisas muitissimo sensatas.

— Porém o engenheiro Eneas está persuadido de que a condição dos que nascem depende antes de tudo da Providencia.

— O senhor quer talvez dizer o acaso.

— Do acaso — emendou docilmente o Joaquim; — elle é apenas do parecer que não devemos abandonar nossos filhos ao acaso, com as mãos atadas; e que os paes devem, quanto possivel, lhes seja, preparar-lhes bons elementos, corrigir os mãos, estudar as afinidades, evitar vicios hereditarios, empregar, em summa, na preparação d'um filho a paciencia e o cuidado que é costume empregar em coisas que valem muito menos... porque, emfim, um filho é a descendencia, o porvir, a humanidade... Quer me parecer que o engenheiro Ferri não é de todo para desprezar.

— A mania generativa — murmurou o medico: — qualquer dia ouvimos para ahí dizer que o engenheiro Ferri se intitula «Adão regenerador» — e como n'uma sociedade civilisada não é licito sahír á rua sem camisa, o pae de tão magnifica prole futura irá parar a qualquer casa de orates. Ora vamos! E querem os senhores que eu vacile entre esse engenheiro doido e o sr. Frederico!...

— Porém...

— Qual porém nem meio porém. — Peçam-me a mão da Amalia para o Frederico, e eu...

Callou-se de improviso, e o semblante, que se annueara, serenou — entrava a Amalia.

A donzella, que ouvira as ultimas palavras do pae, parou bruscamente como se quizesse deitar a correr, depois avançou resoluta, apertou, silenciosa, as mãos aos seus amigos, e encostando-se á poltrona do doutor, disse, com accento extraño:

— O que é?

— O que é... o quê? — balbuceou suavemente o Dr. Roque,

Contemplar aquelle homem tremebundo todo confuso por causa d'uma palavra murmurada com vozinha assucarada; contemplar aquelle formidavel doutor a agitar-se, sob o peso d'aquelles grandes olhos negros, e tentando em vão recuperar a habitual serenidade; contemplar-o a elle, ao mesmissimo Roque Trombeta, reduzido á inanidade por uma rapariguinha, era para o Joaquim espectáculo maravilhoso; e não podendo, como quizer, dar-lhe palmas, entrou a esfregar as mãos com verdadeira satisfação.

— O sr. Joaquim e o sr. Rómulo, — proseguiu a joven — vem pedir-te a mão de Amalia para o sr. Frederico, e tu...

— Não me pediram nada...

— Suppõe que pediram... O senhor dá licença, não é assim? — e o senhor tambem?...

Joaquim, sem interromper as fervorosas esfregações, fez signal de que não só consentia, como tambem estava cheio de curiosidade de saber onde é que ella queria chegar com aquella supposição.

E eu — adduziu o Dr. Roque — respondo que nada tenho a oppor, e que se minha filha está conforme...

— Nem por isso — exclamou a donzella — e a Amalia que não pôde tolerar o tal sr. Frederico, a Amalia que o acha antipathico, fatuo e insulso, responde a isso que não quer saber d'elle para nada.

— «Antipathico, fatuo, insulso!»

Se houberam cahido tres bombas sobre o sofá não teriam produzido maior perturbação. Rómulo ficou estatico, immovel, e Joaquim deixou de esfregar as mãos para contemplar a joven.

Não direi que os antigos amigos do sr. Melli se consolassem com aquella saraivada: estimavam o Frederico e parecia-lhes que offendel-o era tambem offendel-os a elles, conformavam-se, porém, de bom grado, pensando que aquelle... desgraçado (que outra coisa não era) aquelle esturdio permittira-se criticar o nariz da Amalia. «É bem feito!» — pensavam, examinando o calumniado nariz — muito bem feito, porque, se elle não é tão fatuo nem tão insulso, ella tambem não tem o nariz torto.

— Não fallemos mais n'isso — adduziu com placidez o Dr. Roque; não podes tolerar o sr. Frederico e pode muito bem ser que não vás muito fóra do caminho; a mim tambem me não agrada... Nasceu pr'ahi ha meia duzia de dias e já anda caçado de viver... Digna-se permanecer cá n'este mundo, sem sequer saber porquê, e é lhe indifferente atirar comsigo ao canal ou casar-se... Tens razão, é um tanto fatuo... Eu julgava, porém, que o casamento, quero dizer, que tu poderias corrigil-o e que te ia proporcionar a empreza de fazêres com que a vida ganhasse um homem...

— Quero homem que me estime e se considere feliz com o meu carinho; quero ser a mulher de meu marido, e não o derradeiro medicamento de um aborrecido; a minha felicidade não hade ser parada de jogo de azar... Se me queres dar marido, procura-o entre gente que ame a vida e o proximo, procura algum que seja capaz — acrescentou, corando um quasi nada, porém com voz firme — que seja tambem capaz de amar muito sua mulher... E demais estou muito bem solteira, e não tenho o minimo desejo de mudar de estado.

— Eneas... insinuou Rómulo.

— O engenheiro Eneas, repetiu o Joaquim.

— Oh! excellente moço — exclamou o Dr. Roque, julgando que tinha infalivelmente de preparar um discurso ácerca do candidato n.º 2.

Amalia, porém, era uma d'essas naturezas que, entrando uma vez em certa ordem de idéas, não se conformam de bom grado a sair d'ella.

Capaz, como nenhuma, de permanecer calada e de manter secretas suas intenções e seus pareceres, se acaso se decidia a romper o silencio, desandava em loquaz, aparentemente, por capricho, mas na realidade por espirito de rectidão, levada esta até ao excesso do escrupulo, pois é innegavel que onde acaba o silencio começa o equivoco, e a ella como a tantas outras, afigurava-se-lhe que não havia até ali accentuado, sufficientemente e debaixo de todos os seus aspectos, o sentimento, a opinião ou o parecer que até então conservara occultos.

Sem reparar nas interrupções continuou:

— Sim, desconfiar da vida, quando se é joven, rico e sadio, e se tem intelligencia sufficiente para imaginar uma boa accão e tempo para realisal-a, desconfiar da vida, repito, é insensatez.

— Certissimo — observou o Joaquim; — mas por outro lado, o Eneas...

— Um homem já rico, que não encontra melhor occupação do que dedicar-se a procurar um thesouro escondido? parece-me a ultima expressão da fatuidade... E demais, não ouviram como se vangloriava de que lhe tinham affecto quando elle já o não tinha a ninguém? — Não quer saber de ninguém! Que desgraça para o pobre mundo! Suponho que não deixaria de reparar em que a unica coisa que de mim conseguiu foi parecerme antipathico quanto possível, com aquelle seu ar de Hamlet desdenhoso...

Callou-se, por momentos, e como nem o Romulo nem o Joaquim respondessem ás suas perguntas indirectas, proseguiu:

— Estou certa de que tambem antipathisou commigo, pois não acham? (Joaquim e o Romulo nem sequer respiraram). Não se deu ao trabalho de o dissimular; exactamente como eu... Pelo contrario, creio até que... ora diga-me, senhor Affanni, ou então, o senhor Poma, não encarregou a nenhum dos senhores de me dizer que me achou feia e desastrada?

— Que pergunta! — Apressou-se em exclamar o Romulo, e o Joaquim repetiu: Que pergunta!

— Naturalissima! Em quanto a mim, nem sei o que daria para que houvesse alguém que fosse dizer-lhe da minha parte que o não acho tão formoso qual elle se julga, e que parece extraordinariamente fatuo, antipathico e insulso... Encarregasse de lh'o transmittir, senhor Romulo?

Romulo não respondeu: tinha os olhos fixos n'uma porta, á qual parára, sorrindo, a excellente senhora Tranquilina.

— Amalia! — proferiu esta com doçura — Amalia!

Ruborizou-se o semblante da menina, a qual perdeu immediatamente o aprumo.

— Tem muita razão — declarou o doutor Roque, voltando-se para o Joaquim, pois Romulo não reparava n'elle dirigindo-se, porém, a ambos.

— Esse precioso senhor Mellão vale nem as cinco letras do nome; espero que terá o tino sufficiente para aqui não pôr mais os pés. Falem-me os senhores antes do engenheiro Enéas, esse sim, esse é um homem!... Ainda não ha muito que eu lhes disse: «Agradame o engenheiro Enéas; se eu tivesse de casar com elle, não hesitaria um instante.» Foi isto o que eu disse, não é verdade?

Admirando tão soberana imprudencia, o Romulo e o Joaquim confirmaram que *era verdade*. Amalia, porém, sem attender a ninguém, voltou a dizer:

— E' possível que eu me engane; mas é assim mesmo, assim o penso, assim o quiz dizer, e estou contentissima de o ter dito.

Riu-se, deu um abraço no pae e deitou a correr repetindo, já lá do outro quarto e de modo que todos a ouvissem:

— E ainda bem que o fiz!

(Continúa).

Pin-Sél.

NECROLOGIA

CONDE DE S. MARÇAL

Na manhã do dia 16 do corrente mez, por cerca das oito horas, exhalou o ultimo suspiro, no seu bello palacio da rua de S. Marçal, o venerando conde do mesmo titulo.

Esta morte, quasi inesperada pela brevidade da doença, tão curta como cruel, que lhe roubou a vida em pouco mais de dois dias, surpreendeu-nos dolorosamente.

Fundador e depois maior proprietario do nosso estimado collega da capital *Diario de Noticias*, o seu fallecimento enluctou o sympathico periodico, a cuja illustrada empreza e numerozo pessoal apresentamos as nossas mais sinceras condolencias.

Não existe pois já nenhum dos dois empreendedores espiritos que tornaram pratica entre nós a benemerita instituição do jornal de dez réis.

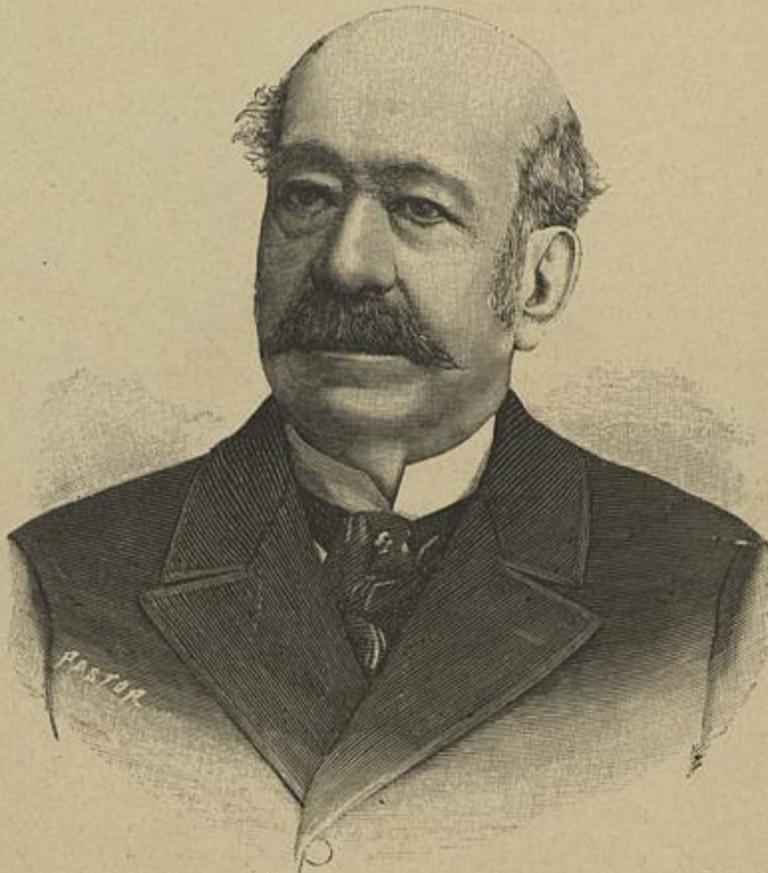
Mais feliz do que Eduardo Coelho, ao illustre extinto coube-lhe a agradável missão de velar e

cuidar ainda por mais nove annos do progredimento da obra commum, com os extremos do carinho e solícito interesse proprios de quem viu levantar-se desde os mais intimos fundamentos aquella edificação de sua iniciativa e cujos resultados se tornam incalculaveis quando apreciados em boa analyse.

A biographia do conde de S. Marçal é um exemplo, mas um exemplo, brilhantissimo pois se torna tão conceituoso como edificante. Operario humilde, conseguiu guindar-se á nobreza distincta que o trabalho concede e as estações officiaes sancionam confirmando com titulos nobiliarchicos essa honrosa e publica consideração.

Thomaz Quintino Antunes nasceu em 1820. A 4 de abril de 1834, entrou para a Imprensa Nacional, administrada então por Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Começou ahí, pois, a sua ardua vida de compositor typographico aos quatorze annos. Diversas contingencias, em que deram as mãos os homens e os factos, impelliram Thomaz Quintino Antunes á provação de varias vicissitudes, no embate das quaes o seu animo e a sua intelligencia



CONDE DE S. MARÇAL — FALLECIDO EM 16 DO CORRENTE

se afinaram e temperaram, constituído um caracter honesto e distincto.

Não são raros os factos biographicos que espelham a integridade da sua conducta e o cavalheirismo bizarro da sua alma.

E assim, foi querido e estimado entre politicos ferrenhos das mais oppostas facções. Não que elle tratasse de lisongear as aspirações de uns e de outros, mas sim porque a sua vida impolluta se impunha a todos. E se este facto de altissima significação moral se deu em sua vida, deve tomar para todos, agora que o homem deixou de existir, um mais subido valor, uma mais nobre expressão de elevado sentido.

Curvamo-nos, pois, respeitosos ante a memoria do trabalhador persistente, a quem a sorte n'um dos seus justos quão raros lampejos premiou merecidamente, concedendo-lhe, depois de uma vida tão activa e afanosa, uma velhice abastada e cheia dos confortos que a riqueza offerece e aos quaes se juntaram os carinhos e a consideração de pessoas dedicadas e amigas, que tanto se honravam commungando nas suas idéas, vivendo no seu trato affectuoso e prestando-lhe a profunda homenagem do seu respeito.

Esteves Pereira.



Recebemos e agradecemos:

Bartholomeu Velho. *Descoberta d'um planispherio de 1561, Centenario da India, por Antonio de Portugal de Faria, Leorne, typographia de Raphael Giusti, 1898.*

Por amavel offerecimento do illustre auctor, sr. Antonio de Portugal de Faria, recebemos um exemplar d'esta monographia, em que avulta uma *Advertencia* do mesmo senhor, em que nos dá noticia da descoberta do Planispherio de Bartholomeu Velho, frisando a importancia do planispherio e o pouco conhecimento que ha do seu auctor.

Foi o illustre professor do Atheneu florentino sr. Marinelli, que, auxiliado pelo professor Cavallucci, descobriu na Bibliotheca do Instituto de Bellas Artes de Florença, tão precioso documento.

Em agosto de 1897, publicou o sr. G. Marinelli, na *Revista Geographica italiana*, uma noticia d'este achado.

Em setembro do mesmo anno, no congresso dos orientalistas de Paris, leu o sr. Francesco L. Pullé uma memoria deveras interessante sobre parte do planispherio de Bartholomeu Velho e mostrou a sua importancia para o conhecimento geographico-historico da India.

O sr. Faria enriqueceu o seu opusculo com duas photogravuras de parte do planispherio, ajuntando-lhe a leitura de algumas das legendas.

Constitue, pois, a presente publicação uma interessante especie bibliographica do centenario da India e illustra brilhantemente quem a publicou.

Almanach Hachette — *petite encyclopedie populaire de la vie pratique, Hachette & C.^o, 1898.*

Um volume solidamente cartornado, contendo innumeras indicações de todo o genero, profusamente illustrado, variado, interessante e acima de tudo, deveras selecto e agradável, eis o que constitue este conhecido annuario, sahido das grandes officinas da importante casa de Paris, *Hachette & C.^o*

Jornal dos Romances — *illustrado, Porto, rua D. Pedro, 178.*

Temos presente o n.^o 37 d'esta publicação em que se inserem romances dramaticos, romances de viagens e aventuras, romances historicos, novellas e phantasias, contos para creanças, e diversas recriações do espirito.

O sumario do ultimo numero é o seguinte: *Joanninha, a costureira*, as grandes tragedias *O romance d'um soldado*, *A Cidade Aerea*, *Theatros*, *Defeitos e Virtudes* conto *A Zizi e as comotas de damasco*, e *Secção recreativa*.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»
Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39